

Saúde

Contra a paralisia, esportes no HC

Geralmente afastadas da educação física, pacientes vivem dias de atleta no hospital, às quintas-feiras

MARIANA LENHARO

mariana.lenharo@grupoestado.com.br

Se na escola eles são poupados na educação física e raramente fazem parte do time da classe, no hospital eles viram os titulares. Pacientes com paralisia cerebral, condição que provoca limitações motoras, jogam basquete, queimada, boliche e praticam corrida às quintas-feiras: é o dia da terapia esportiva do Hospital das Clínicas.

Divertida para as crianças, a técnica ajuda os médicos a observar a evolução clínica dos pacientes, que testam seus limites e descobrem habilidades. O esporte, garantem os especialistas, também exerce efeito positivo sobre a autoestima das crianças.

Para os gêmeos Álvaro e Alfredo Freitas dos Santos, de 13 anos, o compromisso de vir à terapia é visto como lazer. "O Álvaro tinha dificuldade e não queria andar. Depois que veio para cá, desenvolveu muito os movimentos", conta o pai do garoto, João Izídio, de 58 anos.

Coordenador da atividade, o ortopedista André Pedrinelli diz que as famílias dos pacientes com paralisia cerebral tendem a superprotegê-los ou até mesmo a esconder as crianças. "Com o esporte, é possível provar que existem outros horizontes a serem explorados", explica. Segundo ele, muitas pacientes, após começarem a terapia, se tornam mais independentes.

A DOENÇA

» A paralisia cerebral é uma condição neurológica ligada à falta de oxigênio no cérebro durante a gestação, no trabalho de parto ou no pós-parto. Isso provoca a morte de alguns neurônios, trazendo limitações motoras, distúrbios na fala, na deglutição e, em 30% dos casos, limitações cognitivas

» Não há cura, mas as sequelas não pioram ao longo da vida. O que podem piorar são as deformidades e a fraqueza dos músculos, daí a importância do esporte

Pedrinelli afirma que muitos professores de educação física, por desconhecimento, acreditam que o aluno não deve participar da aula. Outras vezes, é a própria criança que teme se expor, levando a um problema de integração.

O educador físico e fisioterapeuta Félix Ricardo Andrusaitis, também ligado à terapia do HC, diz que o esporte é importante para o paciente aprender a se proteger em caso de acidentes. "Se ele não tiver alguma atividade física, no dia em que estiver em uma situação de queda, vai cair da pior forma".

Para participar da terapia esportiva, além de ser paciente do Instituto de Ortopedia e Traumatologia do HC, é preciso ter locomoção independente e ser colaborativo. Os esportes ganham regras diferentes e os grupos são divididos de acordo com as capacidades funcionais de cada um.

Em dias de competição, a disputa é acirrada como em qualquer outro grupo esportivo. O próximo torneio anual dos pacientes da terapia esportiva, com várias modalidades, está marcado para quinta-feira. Esse é um dos momentos mais esperados do ano pela jovem Jeniffer Cristina Silva, 24 anos, que frequenta o grupo do HC desde os sete anos e hoje é medalhista. "No ano passado, quando ela ganhou a medalha, não conseguia parar de chorar de emoção", lembra a tia da garota, Lúcia Galvão, de 65 anos.

Jennifer iniciou a terapia depois de se submeter a oito cirurgias para corrigir problemas ortopédicos decorrentes da doença. Esua tia comemora os resultados dos exercícios. "Ela melhorou muito, antes só andava na ponta do pé", conta.

Outro esportista do time é Manoel Rodrigues Brito, de 23 anos, que treina desde os oito. Além dessa atividade, ele se dedica à natação e quer praticar remo. "Mudei 100% desde que comecei no esporte. Sou muito mais independente", esclarece. Brito também trabalha como recepcionista em um supermercado e faz curso de Turismo. ::

Serviço

Para participar da terapia esportiva é necessário ser paciente do Instituto de Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas (IOT-HC). Antes, o candidato deverá ser atendido na UBS mais próxima de sua residência, que fará sua avaliação e o encaminhamento para o hospital de referência. Para agendar consultas: ☎ 3069-6920 ou 3069-6898.



Pacientes de paralisia cerebral participam do último treino antes do torneio anual do grupo no Hospital das Clínicas, que será na próxima quinta-feira

PINGUE-PONGUE

André Pedrinelli

ORTOPEDISTA DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS, COORDENADOR DA TERAPIA ESPORTIVA

'Não se diz o que eles podem fazer'

Como surgiu a ideia da terapia esportiva para crianças com paralisia cerebral?

Essa ideia é de 24 anos atrás. Sou o segundo chefe da atividade, quem a fundou foi o professor João Gilberto Carazatto. A ideia dele foi aliar os princípios da medicina esportiva ao tratamento dos pacientes com paralisia cerebral. Essa atividade tem a capacidade de prover integração social e melhora das condições do paciente. Além disso,

é um laboratório para observar a necessidade de eventuais intervenções cirúrgicas: é possível ver como o paciente corre, pega a bola, arremessa, pula.

Os pacientes de paralisia cerebral são perfeitamente capazes de praticar esportes?

Para alguns grupos, pode ser contraindicado, precisamos fazer uma avaliação prévia. A gente divide de acordo com a capacidade funcional para cada ati-

vidade. Com o esporte, eles começam a entender melhor as incapacidades e as capacidades que eles têm. A vida inteira todo mundo fala o que eles não podem fazer. Ninguém fala o que eles podem fazer.

A paralisia cerebral pode ser curada?

Não, o paciente convive com isso a vida inteira, mas é uma doença auto-limitada, ou seja, não piora ao longo dos anos. :: M.L.

Na quadra ao lado, pais se exercitam

☉ Enquanto os pacientes com paralisia cerebral treinam, na quadra ao lado se exercitam seus pais, tios, avós e cuidadores. "Antes, os pais ficavam parados esperando a atividade terminar", conta o fisioterapeuta Félix Ricardo Andrusaitis. Com o tempo, alguns começaram a fazer caminhada ao redor do campinho e outros passaram a se reunir para conversar. Foi quando, há quatro anos, os coordenadores da terapia esportiva perceberam que poderiam oficializar essas atividades e beneficiar não

só os pacientes, mas também quem os acompanhava.

A cada semana, psicólogos, assistentes sociais e médicos são escalados para conversar com os cuidadores sobre algum tema específico que faça parte do cotidiano da maioria deles. Quando não há palestra, tem esporte. Para o ortopedista André Pedrinelli, coordenador da terapia esportiva, a participação dos pais é muito importante porque traz uma situação em que são eles que seguem o bom exemplo dos filhos.

"Dessa maneira, há uma inversão positiva na relação dos cuidadores e dos pacientes. Eles falam 'eu também vou praticar essas atividades, como você'", diz. Sob a orientação do fisioterapeuta, fazem alongamento, caminhada, jogam basquete, futebol ou vôlei.

Para a dona de casa Lúcia Galvão, que acompanha a sobrinha à atividade há mais de 10 anos, a reunião dos cuidadores é essencial. "Aqui se formou uma família. Às vezes, eu chego aqui às 6 horas da manhã e já tem gente", diz. :: M.L.